

preparação para a integração no mercado laboral.

[10090]

E se os nossos estudantes não conseguirem trabalhar em grupo? Estudo de caso de uma oportunidade pedagógica no 1.º ano da Licenciatura em Psicologia

Inês Nascimento

A capacidade de trabalhar em equipa, desenvolvendo habilidades de comunicação e de colaboração, é uma das que a ESCO (European Skills, Competences, Qualifications and Occupations) coloca na dianteira das competências de futuro, especialmente num contexto marcado pela crescente presença da inteligência artificial e pela automação dos processos laborais. Face a estas tendências e cenários, revela-se ainda mais relevante a implementação de metodologias pedagógicas que promovam o desenvolvimento desta (e de outras) competências junto da comunidade estudantil. O problema surge quando a geração de estudantes que se habituou a trabalhar remotamente nos tempos de pandemia — muitas vezes de forma solitária ou, pelo menos, isolada — manifesta dificuldade em corresponder às exigências colocadas por atividades de grupo. Na comunicação a apresentar, será contextualizada e descrita a estratégia pedagógica que foi adotada perante cinco estudantes que, por diversas vezes, das mais variadas formas e com base, apelaram à docente no sentido do desmantelamento do grupo de que faziam parte. O que se passou com este grupo de estudantes constitui a face mais visível de uma dificuldade relativamente generalizada, da qual foram surgindo sinais mais subtis. Por essa razão, procurou-se intervir de uma forma que pudesse também servir de exemplo para os restantes estudantes. A situação ocorreu na Unidade Curricular de Ética e Deontologia (do 1.º ano da Licenciatura em Psicologia), o que lhe acrescentou potencial formativo à luz dos valores essenciais da integridade académica e do exercício profissional futuro. A estratégia adotada teve como objetivos promover a coesão do grupo, o desenvolvimento de competências de colaboração, a responsabilização e o sentido

ético bem como estimular a autorregulação dos estudantes em situação de conflito/s interpessoais. A intervenção consistiu na proposta de mudança do tema do trabalho de grupo de modo a que intencionalmente passasse a incidir nas dificuldades relacionais vivenciadas no seio do próprio grupo. Incluiu ainda acompanhamento pedagógico próximo do grupo com momentos regulares de orientação reflexiva, mediação e incentivo à corresponsabilização. A avaliação do impacto baseou-se na observação direta do processo de desenvolvimento grupal, na qualidade do trabalho final do grupo e na avaliação do trabalho pelos pares aquando da sua apresentação final à turma. Fruto desta intervenção, o grupo em causa conservou-se intacto até ao final do semestre, aprofundou e consolidou a interdependência entre os seus membros, melhorou o seu funcionamento interno e acabou por produzir, com contributos equitativos, um trabalho de qualidade que foi reconhecido e distinguido pelos pares. Embora o desmembramento do grupo fosse a solução mais confortável para os estudantes, a decisão pedagógica tomada — menos alinhada com a vontade inicial dos envolvidos — revelou-se eficaz. Esta experiência evidenciou que, na gestão das tensões e incompatibilidades que os estudantes reportam no funcionamento de um grupo de trabalho, há uma (meta)dimensão pedagógica discreta, mas poderosa: a possibilidade de trabalhar e pôr os estudantes a trabalhar a sua própria dificuldade em "ser equipa", convertendo-a num espaço privilegiado de reflexão e aprendizagem. Embora nem sempre intencionalmente explorada, esta dimensão - se reconhecida - pode ter um impacto significativo no reforço da capacidade de trabalho cooperativo e na internalização de responsabilidades individuais e coletivas, no contexto académico e fora dele. A abordagem, além de aplicável a qualquer outra unidade curricular com componente de trabalho em grupo, revela-se transferível para diferentes áreas científicas e contextos formativos onde se pretenda fomentar competências autorreguladas de negociação interpessoal e de colaboração construtiva.